



## O SEGUNDO SEXO: A Experiência Vivida

*Eixo Temático: GT5 - Relações Psicossociais, Economia Comportamental e Economia da Saúde*

Caroline Pereira Santos<sup>1</sup>

Jamille Oliveira Pontes<sup>2</sup>

Almiralva Ferraz Gomes<sup>3</sup>

### 1. Referência bibliográfica

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

### 2. Apresentação da autora da obra

Simone de Beauvoir, nascida em Paris em 9 de janeiro de 1908, foi uma renomada escritora, filósofa existencialista, memorialista e feminista. Em 1925, matriculou-se no curso de Matemática do Instituto Católico de Paris e, simultaneamente, no curso de Literatura e Línguas no Instituto Saint-Marie. Com apenas 23 anos, ela conquistou a posição de professora de Filosofia na Universidade de Marseille, onde lecionou até 1932

Beauvoir fez sua estreia na carreira literária em 1943, quando publicou seu primeiro romance, “A Convidada”. Em seguida publicou “O Segundo Sexo” (1949) e “Os Mandarins” (1954). Graças a essas publicações foi considerada uma das maiores influências para a expansão da consciência feminina na segunda metade do século XX. Simone de Beauvoir faleceu em Paris no dia 14 de abril de 1986, vítima de complicações causadas por uma pneumonia.

### 3. Breve síntese da obra

Em 1949, foi publicado “O Segundo Sexo”, uma obra que elevou Simone de Beauvoir ao patamar de filósofa mundialmente reconhecida. Ao longo dos anos, a relevância dessa obra não se esvaneceu, tornando-se atemporal e definitiva. A obra é constituída, originalmente, de dois volumes: (1) Fatos e Mitos; (2) A Experiência Vivida. No primeiro deles, a autora realiza uma reflexão sobre os fatos e mitos que envolvem a condição da mulher. No segundo volume,

---

<sup>1</sup> Graduanda em Administração. Bolsista de iniciação científica (Pibic/CNPq). E-mail: pcaroline111@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Administração. Bolsista de iniciação científica (Fapesb). E-mail: jamilleolivp@outlook.com

<sup>3</sup> Professora Plena do DCSA/UESB. Doutora em Administração (UFLA). E-mail: almiralva.gomes@uesb.edu.br



objeto desta resenha, Simone de Beauvoir abrange todas as dimensões da condição feminina, incluindo aspectos sexuais, psicológicos, sociais e políticos. Trata-se de uma obra essencial que inaugurou um novo paradigma de pensamento sobre o papel da mulher na sociedade. A *Experiência Vivida*, por sua vez, está dividida em quatro partes: Formação, Situação, Justificações e A caminho da libertação.

#### **4. Perspectiva teórica da obra**

A obra tem como principal objetivo analisar a situação da mulher em diferentes épocas da vida e em diferentes culturas. Mesmo publicada há 74 anos atrás, suas discussões de gênero ainda são muito atuais. A narrativa analisa questões como a maternidade, o casamento, a relação das mulheres com o trabalho, a educação e a religião, buscando detalhar a opressão das mulheres em diferentes fases da vida e em diferentes culturas e demonstrando que, em todas elas, a mulher é vista como o “outro”, inferiorizada e subjugada pelos homens. A obra é considerada atemporal, uma vez que, apesar de todos os avanços alcançados pelas mulheres, ainda há um longo caminho para a verdadeira igualdade.

#### **5. Procedimentos metodológicos**

Optou-se pela revisão bibliográfica como procedimento metodológico para a elaboração da presente resenha, uma vez que tal técnica se apresenta como fundamental em pesquisas científicas, ao permitir que o pesquisador obtenha um panorama do conhecimento existente sobre o tema. O *Segundo Sexo* é uma leitura que merece ser revisitada constantemente, uma vez que aborda um tema sempre atual: a condição feminina na sociedade.

#### **6. Conteúdo**

O livro *O Segundo Sexo: A Experiência Vívica*, por meio da análise da história, da literatura e dos mitos, tem como discussão central o cenário feminino em diferentes contextos sociais. Desde o começo de suas vidas, homens e mulheres são introduzidos em mundos diferentes e levados a acreditar que a igualdade entre eles não é possível.

Quando criança, os meninos são levados a perder gradualmente o carinho e as carícias da mãe, ou seja, desde cedo, são tratados como “homenzinhos” e encorajados, o tempo inteiro, a não serem carinhosos nem demonstrar seus sentimentos. Em contrapartida, as meninas são sempre encorajadas à delicadeza, à vaidade e aos cuidados zelosos da mãe. Essa discussão é



levantada por inúmeros estudiosos, dentre eles, Monserrat Moreno (2003), em “Como se ensina a ser menina”.

Nos casos em que a menina é criada apenas pelo pai, acontece a elas um fato interessante: recebem uma educação bem diferente do habitual, longe de toda aquela feminilidade, o que faz com que de certa forma a menina ganhe um tipo de liberdade, porém, essa criação distante do padrão é logo refreada pela sociedade através de comentários de familiares e professores. Por esse motivo, o pai tem sempre um papel secundário na educação das filhas.

Por intermédio dos contos de fada, a mulher, quando criança, sonha com um príncipe encantado, na juventude, crê que pode encontrá-lo. Tudo é construído para que a mulher acredite desde pequena que, para ser feliz, é necessário abrir mão de sua liberdade. No começo da vida, ela era subordinada aos pais e depois de adulta passa para as mãos do marido, o que a faz acreditar que sempre precisará de alguém para cuidar e controlar sua vida.

O medo de envelhecer solteira, sabendo que será pelo resto da vida subordinada ao pai ou aos irmãos, faz com que o casamento se torne aparentemente mais vantajoso do que de fato é. Contudo, mesmo que o casamento lhes traga respeito e reconhecimento social, potencialmente, podem perder total ou parcialmente a possibilidade de pensar e viver por si mesma.

Uma das obrigações que vem atrelada ao casamento é o cuidado do lar. Com relação a esse aspecto, muitas mulheres se realizam: o prazer de cuidar e enfeitar sua própria casa as fazem se sentir importantes, uma vez que já foi negado a elas o “ser”, então, tentam fazer o melhor com o que “têm”, entretanto, todo esse zelo pode se tornar uma compulsão a partir do momento em que percebem que aquele trabalho doméstico é algo infinito, ou seja, que nunca termina e que, cotidianamente, se repete da mesma forma.

Depois do casamento, a maternidade se torna a mais nova conquista da mulher. Conceber um filho traz a ela grande preocupação, pois não sabe bem ao certo o que fazer. Ademais, é por meio da gravidez que a mulher encontra a oportunidade de aceitar seu corpo, já que se sente capaz de gerar uma vida, por isso, sente seu corpo como algo divino e muito abençoado. Por esse motivo, muitas mulheres temem o fim da gravidez, pois sabem que seu fim simboliza um desligamento entre ela e o bebê.

Passando toda a euforia da chegada do filho, conforme a criança cresce, a mãe começa a apresentar uma certa violência contra ele. Quando é um menino, ela passa a gostar de exercer certo poder sobre ele, talvez como uma forma de vingança por tudo que ela teve que passar.



Quando se trata de uma filha, a mãe pode levar a sua concepção como uma maldição, passando a criá-la com a mesma severidade com que foi criada, porém, há casos em que a mãe vê nessa filha a oportunidade de proporcionar um futuro diferente do que ela teve.

É na velhice que a mulher busca fazer uma autorreflexão do que foi sua vida. É quando descobre que sempre foi persuadida a acreditar em mentiras, tais como: o casamento e a maternidade lhe trarão felicidade plena. Depois de ter passado por todas as fases da vida, ela se vê numa tentativa constante de compensar todas as perdas de oportunidade de quando era jovem através de uma aula de piano, uma viagem ou aprendizagem de uma língua estrangeira, mas é com grande tristeza que ela percebe que sua juventude já não volta mais. Ela foi ensinada a servir aos outros e, quando essa servidão acaba, não sabe e nem tem tempo de usufruir tal liberdade.

O fato de nascer mulher já lhe traz um futuro escolhido e selado pela sociedade. Dela é tirado o direito de questioná-lo ou lutar por uma história diferente. É somente no fim da vida que ela é levada a perceber que seu destino foi criado para agradar a todos, menos a ela.

Foi através do trabalho que as mulheres deixaram de ser tão dependentes dos homens. A conquista da liberdade financeira as levou a ter controle total de sua vida, porém, essa importante conquista não foi suficiente para colocar a mulher e o homem em um nível de igualdade social, já que da mulher ainda é cobrado todas as obrigações com o lar, casamento e maternidade.

A dificuldade em conciliar vida profissional e conjugal faz com que muitas mulheres acreditem que tenham que escolher entre uma das duas e, as que arriscam a se aventurar nestes dois mundos, acabam descobrindo que isto só pode ser feito à custa de muito sacrifício.

De fato, depois de muitas lutas, as mulheres alcançaram, pelo menos parcialmente, a tão sonhada liberdade. O único problema é que a sociedade não mudou junto com ela e continua lhe cobrando obrigações que deveriam ser divididas entre o casal. Em outros termos, as mulheres acabam percebendo que sua liberdade lhes custaram um acúmulo de tarefas quase impossível de serem conciliadas.

## **7. Considerações pessoais**

Muitas mudanças já foram implantadas na sociedade, que se vê encurralada pelas lutas feministas. Ao que parece, as mulheres aprenderam que podem ocupar todos os espaços e que é importante e necessário que se faça tal ocupação. Em “Mulher e política - um relato de caso”, Satie Mizubute (2001) discute a importância da formação política das mulheres e da articulação



entre as diversas lutas sociais, argumentando que a luta feminista não pode ser vista como uma questão isolada, e sim como parte de um movimento amplo de transformação social. Esse texto como tantos outros recentes reforça a importância e atualidade da obra de Simone de Beauvoir. Em suma, esta obra ficou conhecida pela frase: “não se nasce mulher, torna-se”. Em outros termos, a condição feminina não é determinada apenas pelo nascimento, mas sim construída ao longo do tempo. Embora não tenha utilizado o termo “gênero”, Simone de Beauvoir já indicava que a identidade de gênero não se resume simplesmente ao sexo biológico, ou seja, o fato de ser homem ou mulher não garantia que a pessoa se desenvolvesse de acordo com as expectativas sociais e culturais associadas a esse gênero específico.

Deste modo, percebe-se que ainda há um longo caminho a percorrer, mas é através dessas pequenas mudanças que as mulheres, potencialmente, podem conseguir mudar suas histórias, muito embora a luta seja bastante desigual. A luta compensa e é por elas e pelas gerações futuras que as mulheres vêm mostrando que são capazes de muito mais. Muitas já não aceitam ter sua existência diminuída a uma completa servidão e, aos poucos e bem lentamente, a sociedade vai entendendo que elas não vão parar até serem ouvidas e respeitadas pelo que de fato são.

#### **Glossário<sup>4</sup>**

**Condição feminina** - “Uma identidade comum para as mulheres, com base na biologia ou, no fato de terem nascido mulheres.”

**Estereótipo** - “Concepções rígidas sobre a realidade que não aceitam ponderações, questionamentos ou contraposições.”

**Feminilidade** - “Pode ser definida a partir de um conjunto de características do padrão heteronormativo: fragilidade; emoção; beleza; Dependência social e nutriz emocional e física dos outros.”

**Feminismo** - “Expressão na legislação que defende igualdade de educação, salário e oportunidade para as mulheres.”

**Gênero** – Categoria de análise que procura “dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social”

---

<sup>4</sup> Todas as definições deste glossário foram extraídas de: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p.



**Maternidade** - “Uma etapa e um estado específico da vida feminina que envolve a gestação, o parto e a lactação e, também, cuidados anteriores e posteriores ao parto.”

**Patriarcado** - “Refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder.”

**Relação de gênero** - “Campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações entre os gêneros - masculino e feminino - na cultura e na sociedade humanas.”

**Sexo** – Categoria biológica utilizada para diferenciar homens e mulheres, “baseada na ordem compulsória do binarismo macho/fêmea” do reino animal e da natureza. “É determinado exclusivamente pela anatomia e fisiologia do corpo humano pelos caracteres sexuais primários e secundários.”

### **Referências**

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p.

MIZUBUTE, Satie. Mulher e política - um relato de caso. In: MURARO, Rose Marie; PUPPIN, Andrea Brandão (Orgs.). **Mulher, Gênero e Sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 173 p

MORENO, Monserrat. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.